

# Lixo em Lisboa dá lucro e em Guimarães dá descontos

Recolha seletiva porta a porta já chega a 216 mil casas da capital. Venda de material reciclado rendeu 89 mil euros à Câmara. Na Cidade-Berço paga-se menos



Recolha do lixo diferenciado porta a porta na zona dos Olivais, em Lisboa

Ana Trocado Marques  
 locais@jn.pt

**RESÍDUOS** A recolha seletiva de lixo chega, em Lisboa, a 66% das casas e, 15 anos depois do arranque, gera lucro para os cofres da Autarquia. O tratamento do lixo é não só a grande batalha ambiental do século XXI, como é, cada vez mais, uma fonte de receita.

“A retoma de recicláveis é muito superior com o porta a porta. Deve ser a regra nas cidades”, afirma Paulo Lucas, da associação ambientalista Zero, acrescentando que o sistema “tem viabilidade económica assegurada”.

Traz mais material reciclável, que, vendido, gera receita e, em contrapartida, reduz o lixo indiferenciado, cujo tratamento é pago “a peso de ouro”.

Em Lisboa, o porta a porta de papel e embalagens arrancou em 2003. Quinze anos depois, já chega a 216 mil casas e, até 2020, cobrirá 74% da cidade.

O vice-presidente da Câmara

Municipal de Lisboa, Duarte Cordeiro, explica, orgulhoso, que pela primeira vez, em 2017, o sistema apresentou um balanço positivo: “As receitas com a entrega de reciclados superaram as despesas com o tratamento dos indiferenciados”.

O “lucro” foi de 89 mil euros e a tendência é para crescer. Cerca de 24% do lixo recolhido já é de recicláveis e, até 2020, com o alargamento aos resíduos orgânicos, “vai aumentar”.

O turismo traz um novo desafio: adaptar as necessidades de recolha a uma população flutuante da ordem dos largos milhares.

## GUIMARÃES JÁ TEM PAYT

Em Guimarães, a zona histórica já avançou para a fase seguinte: quem recicla, paga menos na fatura ao fim do mês. O PAYT (Pay as you Throw) é o destino a que todos os municípios querem chegar. A Cidade-Berço do país é, para já, única. É simples: a tarifa

fixa do lixo passou para menos de metade, os sacos para o reciclável são gratuitos e apenas os sacos para indiferenciado têm um custo. Quanto mais sacos comprar, mais paga. A recolha é feita várias vezes ao dia.

Resultado? “A taxa de reciclagem é de 33%, quando no resto do município é de 12%”, afirma Daniel Pinto, da Vitrus, a empresa municipal responsável pela gestão de resíduos.

O projeto tem dois anos e abrange 638 fogos (2% da população). Até ao final de 2019, será alargado “a uma parte considerável da cidade”, acrescenta Daniel Pinto.

A fatura do indiferenciado desceu e, claro, a Autarquia poupou, mas os recicláveis – entregues “obrigatoriamente à Resinorte [que gere os resíduos de 35 municípios do Norte]” – não são pagos. Assim o dita a concessão. Só que, quanto mais aumenta a reciclagem, mais o modelo – que acontece em quase todos os

subsistemas – se torna “injusto”.

## A REALIDADE NACIONAL

A nível nacional, há um longo caminho a percorrer no que toca à recolha seletiva porta a porta. O sistema abrange menos de 5% dos lares portugueses (cerca de 500 mil habitantes) e está, atualmente, apenas em nove dos 308 municípios.

Produzimos 4,75 milhões de toneladas de resíduos por ano. Cerca de 83% é lixo indiferenciado – parte enviado para aterro (32%), parte para incineração – e apenas 16,5% é reciclável. Estamos longe das taxas de mais de 40% da Alemanha, Holanda, Bélgica ou Suécia, onde o negócio do lixo é já apelidado de “novo ouro”.

No país, há 23 sistemas de gestão de resíduos, cobrindo a totalidade do território continental (258 municípios). Na maior parte dos casos, os sistemas assumem a recolha seletiva (e os respetivos lucros). Lisboa é uma das poucas exceções. ●

## NORTE 150 mil na Área Metropolitana do Porto

Na Área Metropolitana do Porto a recolha seletiva porta-a-porta já chega a quase 150 mil habitantes. Vila do Conde foi o último município dos oito da Lipor a aderir. A poupança, diz a a Autarquia, pode chegar aos dois mil euros/dia. Na vizinha Póvoa de Varzim, a partir de janeiro, a fatura do lixo vai baixar 25% para consumidores domésticos e 10% para não domésticos. Numa casa com um consumo de 10 m<sup>3</sup> (30,77 euros), a conta desce 1,60 euros.

Em 2017, 79% do lixo produzido nos oito concelhos era indiferenciado, na sua grande maioria queimado para produção energética. Este ano, a percentagem desceu 1%, mas a verdade é que muito mais poderia ser reaproveitado, se todos reciclassem. Os números dizem que 40% do lixo que produzimos são orgânicos (restos de comida e plantas), que podiam ser reciclados.